

O ser negro no Brasil: uma reflexão sobre a exposição “Agora somos todxs negrxs?”

Fábio Pereira da Silva¹, Priscila Ferreira Agostinho²

Resumo

Este estudo teve como objetivo principal analisar e refletir sobre o ser negro no Brasil diante da exposição “Agora somos todxs negrxs?”, que teve como curador o artista Daniel Lima. A justificativa deste estudo surge a partir da questão do título da exposição, que indaga sobre o ser negra/negro e faz refletir sobre cor/raça no Brasil como um desafio na sociedade. O percurso metodológico escolhido neste trabalho aconteceu por meio de análise da exposição e levantamento de informações. Para realizar esse procedimento metodológico, foram analisados alguns sites, fotografias expostas na exposição e literatura. Os resultados conclusivos apontam que “Agora somos todxs negrxs?” foi de suma relevância, apresenta uma ideia de enfrentamento contra o racismo institucionalizado no Brasil a partir do ponto de vista da negritude e da desconstrução do impacto da colonização e da escravidão.

Palavras-chaves

Cor. Raça. Negro. Exposição. Artista.

¹ Mestrando em Artes Visuais na Universidade Federal da Paraíba, Brasil. E-mail: fabyo7054@gmail.com.

² Mestranda em Artes Visuais na Universidade Federal da Paraíba, Brasil. E-mail: priscila.abnara@gmail.com.

Being black in Brazil: a reflection about the exhibition “Are we all black now?”

Fábio Pereira da Silva³, Priscila Ferreira Agostinho⁴

Abstract

The main objective of this study was to analyze and reflect on being black in Brazil in the face of the exhibition “Are we all black now?” which was curated by artist Daniel Lima. The justification for this study arises from the question of the title of the exhibition, which asks about being black and makes people reflect on color/race in Brazil as a challenge in society. The methodological path chosen for this work took place through analysis of the exhibition and information gathering. To carry out this methodological procedure, some sites, photographs exposed in the exhibition and authors’ literature. The conclusive results point out that “Are we all black now?” was extremely relevant, presents an idea of confrontation against institutionalized racism in Brazil. From the point of view of blackness and the deconstruction of the impact of colonization and slavery.

Keywords

Color. Race. Black. Exposure. Artist.

³ Master degree student in Visual Arts, Federal University of Paraíba, State of Paraíba, Brazil. E-mail: fabyo7054@gmail.com.

⁴ Master degree student in Visual Arts, Federal University of Paraíba, State of Paraíba, Brazil. E-mail: priscila.abnara@gmail.com.

Introdução

Nesse artigo buscamos fazer uma análise crítica da exposição “Agora somos todxs negrxs?” e fazer algumas indagações. De que maneira os/as artistas contemporâneos negrxs questionam nossos próprios códigos sobre o que é ser negrx no Brasil? Durante nossa trajetória de vida constatamos que podemos ser categorizados como bons ou maus de acordo com o tom da nossa pele. Como esses/as artistas problematizam o racismo institucionalizado nas artes visuais por meio de suas produções imagéticas? Nossos caminhos neste estudo perpassam os campos reflexivos das artes visuais, ensino das artes visuais e racismo.

É desafiador pensar nas artes visuais além dos/as artistas brancos/as, de classe alta e do sexo masculino. Por essa razão, acreditamos que devemos considerar a discriminação racial como forma de opressão presente também nas artes visuais. Como mestrandos em artes visuais, negrxs e de classe baixa questionamos, por exemplo, sobre como os/as negros/as são representados nos espaços de poder (nas artes, na televisão, na universidade). São raras as vezes que nos sentimos representados/as e quando nos fazemos representar sentimos medo e solidão. Onde estão as narrativas dos/as negros/as nas artes visuais?

Em conversas com colegas do mestrado compartilhamos experiências relacionadas ao nosso processo de formação docente. Como questões raciais são abordadas nos cursos de formação de professores/as? Nos encontros promovidos pelo componente curricular Arte e Diversidade do curso de licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), cursado em 2016 pelos autores deste texto, falava-se sobre o negro nas artes visuais. Desses encontros surgiu o questionamento sobre as razões pelas quais sempre se estudavam as questões relacionadas ao negro/a sobre o viés religioso e histórico. Incomodava a ausência de discussões sobre a discriminação racial na contemporaneidade. Incomodava-nos quando éramos [somos] questionados sobre ser negro/a. Incomoda-nos quando os colegas da turma se declaram negro/a mesmo quando seu tom de pele é claro e seus cabelos, lisos. Podemos entender que o racismo no nosso país é uma questão de estereótipo.

Mas, afinal, o que é ser negro/a no Brasil? Partindo desse questionamento nos interessou iniciar pesquisas sobre arte afro-brasileira, ver esse tema inserido como proposta a ser discutida no componente curricular Tópicos Especiais em História das Artes Visuais: perspectivas antropológicas sobre a arte, no Mestrado em Artes Visuais na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Partindo da exposição “Agora somos todxs negrxs?” procuramos questionar nossos próprios códigos sobre o que é ser negrx no Brasil, uma vez que, durante nossa trajetória de vida, constatamos que podemos ser categorizados como bons ou maus de

acordo com o tom da nossa pele. Além de compreender as possibilidades de problematizar o racismo institucionalizado nas artes visuais através da arte contemporânea. Como o negro/a é pensado politicamente por estes artistas? Afinal, por que “Agora somos todxs negrxs?”.

A exposição “Agora somos todxs negrxs?”

A exposição “Agora somos todxs negrxs?” teve a Curadoria de Daniel Lima e ficou em cartaz entre os dias 1º a 16 de dezembro de 2017, no Galpão da Associação Cultural Vídeo Brasil na cidade de São Paulo. O projeto apresentado pelo Ministério da Cultura e a Associação Cultural Vídeo Brasil reuniu a produção de 15 artistas negrxs brasileiros/as. Foram mais de 20 obras expostas, entre elas videoarte, fotografia, desenho, escultura, instalação, entre outros.

Nela, somos provocados/as a uma reflexão sobre o racismo institucionalizado nas artes visuais e a discutir sobre a necessidade e importância de práticas de resistência e resgate de memória, a partir de poéticas de artistas negras/os do Brasil. De acordo com a entrevista de Daniel Lima (2017), a proposta da curadoria foi:

contra a luta do quilombo urbano a atravessar todxs que foram e são excluídxs pelos poderes hegemônicos; discussão sobre as questões raciais no Brasil e na América, e também pelo cruzamento com discussões sobre identidade de gênero e transgênera; desafia as perspectivas de descolonização da América; X como afirmação histórica do não capturável. X como trama.

Conforme Pereira (2012, p. 144), “uma das concepções de raça e racismo defende a ideia de que a raça só teria surgido no século XIX com a noção científica de raça e com o racismo científico, chamado por alguns de racialismo”. Como professores/as de artes visuais compreendemos a importância desse tipo de produção imagética e pensar criticamente a exposição “Agora somos todxs negrxs?” possibilitou expor o enfrentamento contra o racismo institucionalizado no Brasil e como ele se revela no campo das artes. Como esses/as artistas negras/os de diferentes gerações e lugares do país impulsionam o enfrentamento sobre o racismo, a partir de poéticas em tom de resistência, luta, denúncia e ironia?

As temáticas abordaram questões raciais, de gênero, sexualidades em que os/as artistas discutem questões sobre identidades e negritude no Brasil. Como se explica, então, o retorno da raça à nossa linguagem atual? De acordo com Guimarães (2011, p. 266),

O termo é tão presente, inclusive no cotidiano, que o IBGE o introduziu nos censos demográficos em 1991, transformando a antiga pergunta “Qual é a sua cor?” em “Qual é a sua cor/raça?”. Temos que reconhecer, primeiro, que o termo não havia desaparecido de todo, passando mais por uma submersão que um desaparecimento. (GUIMARÃES, 2011, p. 266).

Nos dias atuais, a cor e a raça nos censos demográficos nacionais são: branco, preto, pardo, amarelo e indígena. Essas são as cinco categorias raciais apresentadas no censo do IBGE, por meio de questionários e formulários. Para Guimarães (2011, p. 266),

O mais importante para o ressurgimento da raça, enquanto classificador social, se deu com sinal invertido, isto é, como estratégia política para incluir, não para excluir, de reivindicar e não de sujeitar. São os movimentos sociais de jovens pretos, pardos e mestiços, profissionais liberais e estudantes que retomaram o termo para afirmar-se em sua integridade corpórea e espiritual contra as diversas formas de desigualdade de tratamento e de oportunidades a que estavam sujeitos no Brasil moderno, apesar – e talvez por causa – da democracia racial.

Tendo compreendido que campos de poder como as Artes Visuais podem perpetuar exclusões, mas também podem ser um espaço democrático e inclusivo com potencial para desconstruções de narrativas consolidadas, falar de forma crítica e reflexiva sobre o genocídio da juventude negra foi o tema explorado pela artista Ana Lira na exposição “Agora somos todxs negrxs?”. A análise da artista questiona o silenciamento da temática em questão e, dessa forma, ela cria um contra discurso em defesa da juventude negra.

O título da exposição retoma o Art. 14 da Constituição do Haiti de 1805, que prescreve assim: “Todos os cidadãos, de agora em diante, serão conhecidos pela denominação genérica de negros”. Escrita a partir da única rebelião negra a tomar o poder na América, aponta para uma situação política em que lutamos pela expressão de uma voz historicamente silenciada. A exposição “Agora somos todxs negrxs?” reúne uma nova geração de artistas visuais negros brasileiros. Uma geração marcada pelo amadurecimento da discussão sobre as questões raciais no Brasil e na América, e também pelo cruzamento com temáticas sobre identidade de gênero e transgêneras.

De acordo com o curador Daniel Lima (2017, não paginado), a proposta central da exposição inclui “questionar as estruturas da sociedade brasileira a partir de diversos elementos históricos e simbólicos, começando pelas próprias normas gramaticais; estabelecer reflexões sobre a negritude como um desafio para a descolonização do discurso”. Ele destaca também, na proposta da exposição, o enfrentamento contra o racismo institucionalizado no

Brasil e apresentar a resistência como luta autobiográfica e coletiva presente nas poéticas dos/as artistas.

A questão da raça no Brasil está ligada a nossa cultura, porém somos fruto de um sincretismo de culturas variadas. De acordo com Pereira (2014, p. 152), a raça pode ter também um significado de linhagem, de origem étnica ou regional, que opõe e mistura qualidades físicas e morais entre povos distintos.

Visualidades podem nos afetar culturalmente, politicamente, socialmente. Diante disso, como os artefatos visuais da exposição “Agora somos todxs negrxs?” conduzem nosso olhar para pensarmos o mundo, a nós mesmo, e como isso se expressa por meio de imagens? O que as poéticas apresentadas têm a ver conosco? O que elas refletem sobre nós enquanto povo brasileiro? De fato, observamos que essas imagens, por vezes, se relacionam com nossas experiências de vida e aproximam-se dos processos que constituem a nossa intimidade.

Hernández (2011, p. 31) nos provoca a pensar as imagens sob a perspectiva da cultura visual e faz um convite a refleti-las dentro de um processo de deslocalização do olhar e do reposicionamento do sujeito. Com os estudos da Cultura Visual podemos olhar as imagens produzidas pelos artistas que integram a exposição “Agora somos todxs negrxs?” de outra maneira e refletir sobre elas inseridas em um contexto mais amplo, sobre como versões de realidades se constituem por meio da produção imagética.

Com a finalidade de descentralizar o olhar, a exposição apresenta um panorama da produção das artes visuais sob perspectivas distintas, com obras dos 15 artistas participantes: Ana Lira (Recife-PE, 1977), Dalton Paula (Brasília-DF, 1982), Daniel Lima (Natal-RN, 1973), Eustáquio Neves (Juatuba-MG, 1955), Frente 3 de Fevereiro (São Paulo-SP, 2004), Jota Mombaça (Natal-RN, 1991), Jaime Lauriano (São Paulo-SP, 1985), Luiz Abreu (Araguari-MG, 1963), Moisés Patrício (São Paulo-SP, 1984), Michelle Mattiuzzi (São Paulo-SP, 1983), Paulo Nazareth (Governador Valadares-MG, 1977), Rosana Paulino (São Paulo-SP, 1967), Sidney Amaral (São Paulo-SP, 1973-2017), Zózimo Bulbul (Rio de Janeiro-RJ, 1937-2013) e Ayrson Heráclito. Essas/es artistas tangenciam com suas poéticas – suas obras-ações – as questões raciais de forma (i) material, plural e em resistência.

Destes 15 artistas, serão enfatizados os trabalhos de três deles: Ana Lira (Recife-PE) – a escolha da obra dessa artista nos faz refletir e protestar contra o genocídio dos jovens negros no Brasil; a Musa Michelle Mattiuzzi (São Paulo-SP), que nos mostra uma performance do seu corpo negro com tinta branca fazendo uma propagação ao racismo; e Luiz de Abreu (Araguari-MG), que mostra em sua obra elementos associados ao negro brasileiro como o samba, carnaval e erotismo.

Artistas e artes

Natural de Caruaru, Ana Lira mora e trabalha em Recife/PE. É fotógrafa, artista visual e pesquisadora independente, pós-graduada em teoria e crítica de cultura pela Universidade Federal de Pernambuco. Seu trabalho se debruça sobre as relações de poder e suas implicações nas dinâmicas de comunicação. Ela teve duas obras na exposição “Agora somos todxs negrxs?”, elaboradas como reflexão e protesto contra o genocídio da juventude negra. As obras se colam às paredes do Galpão VB para aludir tanto à invisibilização e ao silenciamento dessa violência quanto à sua aderência às estruturas do cotidiano. Em concordância com Pereira (2014, p. 152), as concepções de raça e os fenômenos do racismo não constituem um processo cumulativo e linear, mas encontram paralelismos, superposições e concorrências.

“Localizador QBAFECCLQF” consiste em um letreiro com a frase “que bocas alimentam fé em consumir corpos que levam fumo?”, numa referência tanto às bocas de fumo quanto às bocas de parlamentares, pastores e governantes que defendem, consentem e propagam quebras de direitos civis e discursos de ódio. Para Ana Lira, elas estão em cada esquina, programa de televisão, projeto partidário, mensagem em redes sociais, seleção de emprego, grupos de pesquisa, edital, espaço de oração... enfim, afins. Quando a gramática da criminalização é constantemente renovada sobre certos corpos que se deslocam pela cidade, cabe uma pergunta: “que bocas alimentam fé em consumir corpos que levam fumo?”.

A poética “111 cale-se, 2016” consiste em vinil adesivo sobre parede (11,10 x 252 cm) em que lemos a frase “sangrou o destino 111 cale-se”. Este trabalho iniciou como uma reflexão sobre a morte de Jozelita de Souza, mãe de Betinho, um dos cinco jovens assassinados com 111 tiros pela Polícia Militar do Rio de Janeiro, em 2015. Ela definiu, em decorrência da tristeza, no primeiro semestre de 2016. O trabalho dialoga com limites de invisibilidade, ora fazendo referência a estratégias de circulação destes discursos que transformam os crimes contra a juventude popular urbana e rural, na imprensa, em estatística de contenção.

Figura 1- Localizador QBAFECCLQF, Ana Lira, 2017, site-specific, 384 x 320 cm



Fonte: <http://site.videobrasil.org.br/exposicoes/galpaovb/agorasomostodxsnegrxs/artistas/ana-lira>.

A poética “Merci Beaucoup, blanc!” revela o corpo da artista como denúncia e luta contra a construção e a aderência racista/do branqueamento, sendo uma obra performada e com crítica ao sistema de arte e à relação com artistas negros/as. Nela, a performer pinta seu próprio corpo de branco, como um gesto imaterializado sobre a ferida do seu corpo. A sua cabeça está perfurada com cateteres, e a artista ainda usa uma máscara que remete a um tipo de tortura utilizada em pessoas escravizadas no regime escravocrata. A expressão “Merci Beaucoup, blanc!” tem origem latina e, na França, é usada para designar gratidão. Ao adicionar a “blanc” (que significa branco em francês) a letra “o”, a palavra se aproxima do português “branco”.

Figura 2 – “Merci Beaucoup, blanc!”, Musa Michelle Mattiuzzi, 2017, performance



Fonte: <http://site.videobrasil.org.br/exposicoes/galpaovb/agorasomostodxsnegrxs/artistas/musa-michelle-mattiuzzi>.

A Musa Michelle Mattiuzzi é natural de São Paulo-SP, mora em Salvador-BA, é performer, escritora e pesquisadora, graduada em Artes do Corpo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Seus trabalhos se apropriam do e subvertem o lugar exótico atribuído ao corpo da mulher negra pelo imaginário cisnormativo branco, que o transforma numa espécie de aberração, entidade dividida entre o maravilhoso e o abjeto. Em 2012 e 2013, colaborou com os coletivos GIA, da Bahia, e Opavivará, do Rio de Janeiro. Em 2017, participou como residente do Programa Capacete no Programa Público da Documenta 14, com curadoria de Paul B. Preciado. Sua obra “Merci beaucoup, blanc” foi indicada ao Prêmio PIPA 2017.

Em diálogo com a performance da Musa é possível estabelecer conexões com a vídeo performance “O Samba do Crioulo Doido” de Luiz de Abreu. Nela, o artista utiliza elementos indefectivelmente associados ao negro brasileiro, samba, carnaval, erotismo, e de referências à pátria branca. O artista cria imagens que falam do racismo, da transgressão como forma de resistência e da importância do corpo na construção da identidade. Valendo-se da ironia e do deboche, a performance busca devolver ao corpo-objeto o sujeito roubado, com sentimentos, crenças e singularidades. A performer é apresentada em solidão durante parte da dança e, ao final, as luzes se acendem, revelando o corpo nu de um homem negro calçado com botas prateadas brilhantes, tendo atrás um painel com várias bandeiras do

Brasil. A obra recebeu o Grande Prêmio no 18º Festival de Arte Contemporânea Sesc Vídeo Brasil, em 2013.

Luiz de Abreu é natural de Araguari, MG, vive e trabalha em São Paulo-SP, é bailarino e performer e em seu trabalho investiga os estereótipos relacionados ao corpo negro. Apresentou-se em festivais de dança contemporânea na França, Alemanha, Portugal, Croácia, Cuba, Espanha e Brasil. Performances: Bienal do Mercosul (Porto Alegre, 2009); Mostra Sesc de Dança (São Paulo, 2001). Sua peça “O samba do crioulo doido” integra o acervo de vídeo dança do Centre Georges Pompidou, em Paris. Em “O samba do crioulo doido” (2004-2013, vídeo, 22’28”), ele mostra seu próprio corpo nu dançando. A discriminação racial e sua incidência no corpo negro é o centro da peça performática.

Figura 3 – O samba do crioulo doido, Luiz de Abreu, 2004-2013, vídeo performance



Fonte: <http://site.videobrasil.org.br/exposicoes/galpaovb/agorasomostodxsnegrxs/artistas/luiz-de-abreu>.

Para Duncum (2011, p. 15) “muito tempo se passou desde que a pintura era considerada a principal forma de cultura visual”. O contexto das artes visuais mudou e com isso as formas das produções poéticas precisaram se reconfigurar. Nesse sentido, o trabalho da Musa Michelle, assim como a poética do artista Luiz Abreu, contribuirá para pensarmos as visualidades além das formas tradicionais das Belas Artes (pintura, desenho, escultura). Acreditamos que todas as formas de representação contribuem nos processos de produção de

conhecimentos, pois as imagens podem legitimar noções de muito hegemônicas, ou contestar essas noções provocando nossos modos de ver e ser visto no mundo. No âmbito da educação, por exemplo, podemos legitimar as noções de realidades hegemônicas, mantendo as estruturas de poder que as mantêm ou contestá-las, problematizá-las. São escolhas pessoais e devemos nos responsabilizar por elas.

Análise e discussão

Assim, a partir das obras analisadas, é possível estabelecer reflexões sobre o que é ser negro/a no Brasil e seus desafios. Conforme o IBGE, negro é quem se autodeclara preto ou pardo. Onde ancestralidade define a condição biológica com a qual nascemos, há toda uma produção social, cultural e política da identidade racial/étnica no Brasil. É possível pensar possibilidades de enfrentamento do racismo a partir das imagens, compreendendo a resistência como luta presente nas poéticas apresentadas na exposição, que é um convite a pensar outros olhares, outras narrativas sobre a negritude brasileira. Para desenvolvimento da problemática proposta, dialogamos com os estudos realizados por Antônio Guimarães (2011) sobre raça, cor, cor da pele e etnia e com pesquisas desenvolvidas por Luena Pereira (2014), em que são propostos conceitos relacionados à construção da ideia de raça.

Entende-se que uma exposição se realiza no encontro entre sujeito (visitante) e objeto (conjunto expositivo), ou, numa concepção mais abrangente e atual, entre a sociedade e seu patrimônio. Os artistas, a curadoria, as obras, os textos e as mediações situam a pergunta (Agora somos todxs negrxs?) como uma questão a ser respondida, assim como também nos levam a outras perguntas: Quem somos nós na realidade brasileira? Quais são os lugares da mulher negra e do homem negro no Brasil? Como são lembrados/as?

Além dos questionamentos, a exposição impulsiona o enfrentamento sobre o racismo no Brasil, a partir de poéticas em tom de resistência, luta, denúncia e ironia. Segundo Guimarães (2011, p. 266), a raça retorna, portanto, não mais como mote do imperialismo ou colonialismo, mas como glosa dos subordinados ao modo inferiorizado e desigual como são geralmente incluídos e tratados os/as negros/as, as pessoas de cor, os/as pardos. A escolha desse estudo surge a partir da questão do título da exposição, que indaga sobre o ser negra/negro no Brasil e reflete sobre cor/raça no Brasil como um desafio na sociedade.

Por isso, é importante questionar sobre como outros espaços podem ser explorados nos processos de produção de conhecimentos. Como professores/as de artes visuais devemos estar atentos/as às visualidades produzidas por essas/esses artistas, elas podem ser reveladoras e

fonte de aprendizagens. Para Tvardovskas (2015, p. 18) devemos pensar a arte “não apenas enquanto expressão de ideias e produção de imagens, mas como campo de forças que desestabiliza regimes de verdades hegemônicas”. Para isso, tomemos como referência deslocamentos e movimentos em vez de ambicionar pontos de chegada. Assim como Tvardovskas (2015, p. 62), acreditamos que com “o impacto das teorias do discurso e dos feminismos a história da arte transformou-se profundamente”. Apesar disso, dentro de cursos para formação de professores/as de artes visuais ainda existem dificuldades para se trabalhar questões relacionadas a esses temas emergentes em nosso cotidiano.

Considerações finais

Enfim, analisar essa exposição, em que uma das ideias era apresentar o enfrentamento contra o racismo institucionalizado no Brasil a partir do ponto de vista da negritude e da desconstrução do impacto da colonização e da escravidão, foi de suma relevância. Como dissemos anteriormente, o título da mostra inspirou-se no Art. 14 da Constituição do Haiti, de 1805, ao dizer que “Todos os cidadãos, de agora em diante, serão conhecidos pela denominação genérica de negros”. Hoje, 200 anos após a revolução haitiana que expulsou o governo colonial francês do país, artistas e ativistas negras/os analisam as questões que envolvem o racismo institucional, as desigualdades sociais e as questões de gênero na América colonizada.

Segundo o curador Daniel Lima, o “x” que substitui as inflexões de gênero nas palavras do título também é uma provocação, pois não se discute racismo sem discutir gênero. A exposição, que apresenta trabalhos de artistas negras/os, conhecidas/os dentro e fora do Brasil, dá sequência a um ciclo de exposições do Galpão VB, espaço de artes na Vila Leopoldina, zona oeste da cidade de São Paulo, acontecida em 2017. As obras “*Merci beaucoup, blanc!*”, de Musa Michelle Mattiuzzi; “*O samba do crioulo doido*” (2004-2013, vídeo, 22’28), de Luiz Abreu; e *Localizador QBAFECCLQF*, da Ana Lira, foram as mais complexas para análise e reflexão de acordo com nosso ponto de vista.

O título da exposição nos faz refletir sobre a pergunta, nos traz um desafio de responder, sobre o enfrentamento de que essa realidade precisa ser discutida e mudada. Podemos concluir que a exposição “*Agora somos todxs negrxs?*” nos mostra a experiência do olhar do ser negro/a no Brasil e uma crítica à sociedade. Conclui-se que a exposição propõe uma reflexão sobre os artistas e as obras apresentadas e do curador Daniel Lima.

Enfim, entendemos que o racismo está intrínseco na sociedade brasileira, está entre nós. A incidência do preconceito pode não ser tão evidente para alguns, mas ele não deixa de existir. Hoje, no Brasil, o racismo é crime previsto pela Lei nº 7.716/1989, e inafiançável e não prescreve, ou seja, quem cometeu o ato racista pode ser condenado mesmo anos depois do crime. Podemos enfatizar que ser negro no Brasil é lidar com o preconceito diuturnamente.

Referências

ABREU, L. **O Samba do Crioulo Doido**: Exposição Agora somos todxs negrxs?. Curadoria Daniel Lima. São Paulo, 2017. Disponível em: <http://site.videobrasil.org.br/exposicoes/galpaovb/agorasomostodxsnegrxs/artistas/luiz-de-abreu>. Acesso em: 25 jul. 2020.

GUIMARÃES, A. S. A. **Raça, cor, cor da pele e etnia**. Cadernos de Campo, São Paulo, v. 20, n. 20, p. 265-271, 2011. Doi: 10.11606/issn.2316-9133.v20i20p265-271.

HERNÁNDEZ, F. A cultura visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito. *In*: MARTINS, R.; TOURINHO, I. **Educação da Cultura Visual**: conceitos e contextos. Santa Maria: Editora da UFSM, 2011. p. 31.

LIMA, D. Agora somos todxs negrxs? **Associação Cultural VideoBrasil**. Disponível em: <http://site.videobrasil.org.br/exposicoes/galpaovb/agorasomostodxsnegrxs/>. Acesso em: 17 maio 2019.

LIMA, D. Agora somos todxs negrxs? **Revista Bravo**, São Paulo, 18 ago. 2017. Disponível em: <https://medium.com/revista-bravo/agora-somos-todxs-negrxs-2673f09ba940>. Acesso em: 19 maio 2019.

LIRA, A. **Localizador QBAFECCLQF**: Exposição Agora somos todxs negrxs?, Curadoria Daniel Lima. São Paulo, 2017. Disponível em: <http://site.videobrasil.org.br/exposicoes/galpaovb/agorasomostodxsnegrxs/artistas/ana-lira>. Acesso em: 25 jul. 2020.

MERCI, beaucoup, blanc. **Produção de Musa Michelle Mattiuzi**: Exposição Agora somos todxs negrxs?. Curadoria Daniel Lima. São Paulo, 2017. Disponível em: <http://site.videobrasil.org.br/exposicoes/galpaovb/agorasomostodxsnegrxs/artistas/musa-michelle-mattiuzzi..> Acesso em: 25 jul. 2020.

PEREIRA, L. N.. A construção da ideia de raça. *In*: GONÇALVES, M. A. R; RIBEIRO, A. P. A. (org.). **Diversidade e sistema de ensino brasileiro**. Rio de Janeiro: Outras Letras, 2012. p. 142-170.

TVARDOVSKAS, L. S. **Dramatização dos corpos**: arte contemporânea e crítica feminista no Brasil e na Argentina. São Paulo: Intermeios, 2015.

Submetido em 11 de outubro de 2019.
Aprovado em 22 de dezembro de 2019.